

Coreia do Norte e a busca pelos holofotes



Marcos Azambuja

Marcos de Azambuja é membro do CEBRI e foi Embaixador do Brasil na França e na Argentina. Secretário-Geral do Itamaraty de 1990 a 1992 e Chefe da Delegação do Brasil para Assuntos de Desarmamento e Direitos Humanos, em Genebra de 1989 a 1990.

Coreia do Norte e a busca pelos holofotes

Marcos Azambuja

Marcos de Azambuja é membro do CEBRI e foi Embaixador do Brasil na França e na Argentina. Secretário-Geral do Itamaraty de 1990 a 1992 e Chefe da Delegação do Brasil para Assuntos de Desarmamento e Direitos Humanos, em Genebra de 1989 a 1990.

2016

O autor é responsável pelas opiniões expressas neste documento e elas não refletem as opiniões do CEBRI.

Texto publicado no jornal Correio Braziliense do dia 08 de janeiro de 2016.

Mais publicações em cebri.org



Não parece haver dúvida de que a Coreia do Norte acaba de realizar uma nova explosão nuclear que, assim como as anteriores, foi subterrânea. Essa seria a quarta de uma série que se tem registro seguro, e, como as anteriores, aconteceu em algum lugar não distante das fronteiras do país com a China. A dúvida que subsiste é saber se o que foi testado era um bomba atômica como foram as precedentes ou se, como pretende Pyongyang, testou-se um artefato termonuclear – vale dizer uma bomba de hidrogênio.

O Brasil não dispõe de meios próprios de avaliação. Temos assim que esperar o que dirão as potências vizinhas da Coreia do Norte, que dispõem de tecnologias sofisticadas que lhes permitem avaliar a natureza e a potência do que foi explodido.

Afastada a hipótese – que estimo muito improvável – de um ato irracional e errático, a pergunta que cabe fazer é: o que busca a Coreia do Norte com seu programa nuclear? É evidente que o objetivo não será intimidar a Rússia, a China ou os Estados Unidos, protetor da Coreia do Sul e que mantêm na península uma importante força de dissuasão. Entre os países próximos, apenas o Japão se sente diretamente ameaçado e questiona mesmo as premissas de sua política estratégica das últimas décadas.

Assim sendo – e apesar de toda a truculência e estrépito –, a posição do Governo da Coreia do Norte seria a de se defender de uma possível agressão e mesmo de um desaparecimento pela incorporação do atual regime à parte da parte meridional da península onde Governo de Seul criou uma extraordinária experiência de desenvolvimento e riqueza.

Pyongyang ainda persegue, com magros resultados, credibilidade e respeitabilidade internacionais, e buscaria fortalecer suas cartas para enfrentar cenários futuros em que sua posição seria muito mais fraca do que a dos outros atores diretamente interessados.

O grande risco reside em que, na sua aventura nuclear, a Coreia do Norte brinca literalmente com fogo. E mais, em qualquer momento seu arriscadíssimo jogo corre o risco de fugir de seu controle e reacender na península coreana as agudas instabilidades e os conflitos que tanto ameaçaram o mundo na década de 1950. Acrescido a tudo isso, uma volátil dimensão nuclear.